

Produção de memes como campanha contra as *fake news*: conciliando criatividade, humor, ativismo e formação docente

Keite Silva de Melo (ISERJ/FAETEC e CPFPF/SME Duque de Caxias)¹

Andréa Villela Mafra da Silva (ISERJ/FAETEC e UNIRIO)²

Valéria Ribeiro Rodrigues (ISERJ/FAETEC)³

Margareth da Silva Miranda Gonçalves (ISERJ/FAETEC)⁴

Resumo

O presente trabalho possui por objetivo apresentar uma experiência de ativismo político, por meio da produção criativa de memes, como forma de enfrentamento ao problema das *fake news*. Esta experiência ocorreu no segundo semestre de 2018, com alunos do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, que produziram memes para veicular em suas redes sociais, como uma campanha político-educativa. A apropriação dos distintos gêneros discursivos, bem como a imersão na rede com o letramento digital desenvolvido é urgente a todos, mas aos futuros professores, trata-se de uma urgência ainda maior. A associação da criatividade, autoria e ativismo, possibilitou a estes licenciandos, ultrapassarem a cultura do compartilhamento detido no mero consumo, para promover visibilidade da sua própria autoria.

Palavras-chave: Memes; Fake news; Letramento digital; Formação de professores.

Abstract

The present work has an experience of political activism, through the creative production of memes, as a way to confront the fake news. The students of the Pedagogy course of the Higher Institute of Education of Rio de Janeiro produce memes to their social networks, as a political-educational campaign. The appropriation of the different genres, as well as the immersion in the network digital is an urgent and important task. The association of creativity, authorship and activism, surpass the culture mere consumption, to promote the visibility of their own authority.

Keywords: Memes; Fake news; Digital literacy; Teacher training

¹ Contato: keite.iserj@gmail.com

² Contato: av.mafra@hotmail.com

³ Contato: valrapha@hotmail.com

⁴ Contato: mei_rj@hotmail.com

1. Introdução

A cultura digital possibilita a participação dos indivíduos nas redes sociais que, com suas estratégias diferenciadas de compreensão na apropriação dos conteúdos, têm garantido ampla manifestação de comentários. As redes sociais promovem interação entre os usuários, no entanto, há um paradoxo nesta cultura da participação: ao mesmo tempo em que há maior democratização de vozes anteriormente silenciadas, surge a veiculação de conteúdos de *veracidade questionável* ou *fake news*, um termo em inglês cuja tradução literal é notícia falsa. Trata-se do compartilhamento de conteúdo falso com “capacidade de ‘viralizar’ (ação de compartilhar rapidamente) a informação em tempo real influenciando a opinião pública sobre notícias do campo político e sobre acontecimentos de toda ordem” (Silva, 2019, p. 283-284).

A cultura da participação e compartilhamento de conteúdo leva os sujeitos a atualizarem suas linhas do tempo nas redes sociais, com grande agilidade para garantir ineditismo e atualização de informações diversas. Em contrapartida, a busca por tamanha audiência e visibilidade, não está associada à preocupação em verificar a fonte, tampouco a sua intencionalidade, temporalidade, veracidade e contexto histórico.

A urgência em atualizar a linha do tempo ou perfil, demonstrando estar atento ou atualizado com as informações/novidades que lhe chegam, ou ainda, a intenção de atrair mais audiência para si, tem trazido alguns problemas quando não há ainda, o letramento digital condizente. Buzatto (2001, p. 83) define letramento digital como sendo os “modos de interagir com e através da linguagem trazida pela escrita cibernética” que, por seu turno, possibilita ao “leitor/escritor cibernético a prática social da leitura e da escrita mediadas eletronicamente, ou seja, um novo tipo de letramento”. Acreditamos que este necessário letramento se constitui por meio da dialética entre o pensamento empírico e o teórico (Medeiros; Sforzi, 2016), demanda para a atuação e formação docentes, quando comprometidas com o estímulo à autonomia dos sujeitos, em quaisquer tempos/espacos.

Sendo assim, surge uma nova demanda para a educação, que pode articular os principais gêneros discursivos que circulam nas distintas redes sociais, com o ativismo político para enfrentar as *fake news*. Caberá ao professor utilizar a prática social da leitura e da escrita mediadas eletronicamente, de forma a conduzir seus alunos a uma análise crítica e reflexiva para buscar a verificação da veracidade do conteúdo veiculado. Do mesmo modo, o professor poderá utilizar a linguagem memética (produção de memes) contra a propagação de notícias falsas, articulando o ativismo político com criatividade e humor.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo apresentar o relato de uma experiência com a formação inicial de professores, onde duas turmas do curso de Pedagogia do Instituto

Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ/FAETEC), tradicional instituição de formação de professores, produziram uma campanha de divulgação para tratar da importância da verificação da informação. Nesta campanha, os licenciandos promoveram a veiculação em suas redes sociais, de memes voltados à problematização/provocação quanto à circulação de *fake news*, conciliando humor ou sarcasmo ao ativismo político-educacional.

2. Desinformação e a emergência das *fake news*

A formação docente para o enfrentamento da veiculação de informações imprecisas ou inverídicas, as *fake news* (Branco, 2017), precisa ser iniciada pela autorreflexão das publicações que se compartilha, o seu teor, relevância, pertinência e fidedignidade. Para se refletir efetivamente sobre as redes sociais é essencial, além de estar imerso na cultura digital enquanto praticante cultural, buscar a autorreflexão das próprias publicações. Esta autorreflexão pode se fundamentar na discussão coletiva sobre o problema das *fake news*, repercussão e viralização nas diversas redes sociais, bem como o impacto de tais *posts* na vida dos sujeitos, na política, economia e na sociedade, como um todo.

Nesse sentido, a mediação docente ganha centralidade para tratar do letramento digital, pois a criticidade e reflexão política não estão dadas. Tal demanda, inclui a análise do fenômeno *fake news*, mas também a busca por proposições de intervenção, por meio da educação.

Acreditamos que as *fake news* estão fundadas no campo das emoções, pois a virada afetiva se ancora na “necessidade de se abordar a afetividade como componente incontornável da subjetividade, esta agora não mais só entendida sob seu aspecto puramente racional, mas, e principalmente, também sob o regime das emoções” (Silva, 2014, p. 67).

O usuário da rede social compartilha a notícia falsa, que pode vir a viralizar dependendo do apelo emocional, inclusive com a possibilidade de culminar em situações trágicas, como já amplamente noticiadas na mídia, em geral. Como exemplo, o caso trágico ocorrido no Estado de São Paulo, no ano 2014, quando uma dona de casa foi espancada por dezenas de moradores da localidade de Guarujá, como consequência de um boato gerado por uma página em uma rede social que a apontava como sequestradora de crianças para utilizá-las em rituais de magia⁵.

⁵ C.f.: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html> Acesso em 09 out. 2019.

O compartilhamento irrefletido da informação torna-se ainda mais grave, quando o conteúdo do *link* não foi acessado. Autores como Delmazo e Valente (2018, p. 158), em estudo realizado em 2016 na Universidade de Columbia e o Instituto Nacional Francês afirmam que,

59% dos links partilhados em redes sociais não chegam a ser clicados de facto (Dewey, 2016). Dessa forma, uma manchete atraente – que normalmente fica explícita na URL do link - já seria suficiente para garantir engajamento. Mesmo quando os links são clicados, poucos leitores vão passar dos primeiros parágrafos, o que facilita ainda mais o trabalho de elaboração de uma notícia falsa.

Este fenômeno pode ser explicado pela necessidade de “existir” própria da cultura da participação nas redes sociais. Segundo Martinuzzo e Sangalli (2015, p. 97), o “eu deve estar sempre se comunicando e se exibindo para ser lembrado e fazer-se existir.”

Sabemos ainda, que há muitas agências que propagam intencionalmente as *fake news* com fins políticos, baseados na racionalidade própria de quem conhece os caminhos para mobilizar emoções. Mas não estamos tratando desse perfil, que podem ser instituições, pessoas físicas contratadas que utilizam perfis *fakes*, ou mesmo robôs programados para coleta de dados e sistematização de viralizações, via inteligência artificial. É fundamental que se reconheça esta possibilidade de manipulação e verifique-se o perfil que iniciou a propagação da informação. Por oportuno, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que investiga notícias falsas nas redes sociais e assédio virtual aprovou no dia 25 de setembro de 2019⁶, um plano de trabalho contendo como temáticas a serem abordadas durante o funcionamento da CPI, a conceituação e delimitação das *fake news* e seus impactos sobre a sociedade; as consequências econômicas da produção e disseminação das notícias falsas que atentam contra a democracia no mundo; esquemas de financiamento, produção e disseminação de *fake news* com o intuito de lesar o processo eleitoral; dentre outros.

Entendemos que a veiculação e propagação de notícias falsas pode levar à crenças tão arraigadas, que desconstruí-las exigiria grande e contínuo esforço. A dissimulação da verdade, própria da era da pós-verdade (Keyes, 2018; Santaella, 2018) apoia-se na mobilização dos sentimentos e argumentação manipulada para buscar adesão dos sujeitos, que podem veicular tais informações, promovendo a viralização de uma *fake news*, ainda que algumas dessas produções se distanciem do bom senso.

Segundo Santaella (2018) e Keyes (2018), as *fake news* sempre existiram. Na maior parte das vezes estas falsas notícias tinham a função de ludibriar os sujeitos, seduzindo-os

⁶ C.f: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/25/cpi-das-fake-news-aprova-plano-de-trabalho-e-convocacao-de-empresas> Acesso em 10 out. 2019.

para dada intencionalidade, constituindo assim, uma crença baseada no apelo e persuasão. Apesar de esse fenômeno ser antigo, com a crescente mobilidade e aplicativos de edição de imagens ou vídeos cada vez mais sofisticados, a sua propagação tem superado a mera disseminação de boatos, modificando cultura e suas lentes de interpretação.

No Facebook - rede social criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris há *algoritmos* para controlar e direcionar as informações, utilizando para tal, a categorização do tipo de postagem e do tipo de reação frente às interações entre usuários. Em outras palavras, o algoritmo prevê e, sobretudo, antecipa a interação entre os usuários divulgando postagens estrategicamente consideradas relevantes. Tal controle sobre as postagens é reconhecido por Pariser (2012) como “filtro bolha”.

Para Pariser⁷ (2012), o filtro bolha é construído artificialmente por algoritmos⁸ e retorna ao usuário, em sua linha do tempo, primeiro o que ele gosta e concorda, em “enclausuramento silencioso” (Branco, 2017). Este primeiro filtro é implementado como recomendações pelas distintas redes sociais, e pode ser somado a um segundo filtro intencional, configurado pelos usuários, intensificando assim, a bolha de acesso às informações que lhe chegam. Ao receberem conteúdo dos laços sociais (Silva; Melo, 2017), a crença da credibilidade nestes pode ser imediatamente instaurada e, com isso, o sujeito não verifica a procedência da informação, se ocorreu alguma manipulação por meio de contas automatizadas ou robôs⁹ (Ruediger, 2017). É possível ainda, que não haja conferência da atualização da notícia, sua procedência e reputação do autor ou veículo midiático que a originou.

Para enfrentar as *fake news*, entendemos que a formação de professores comprometida com o letramento digital, pode oferecer um importante ponto de partida. Na próxima seção desenvolvemos melhor esse pressuposto.

3. Relação dialética entre pensamento empírico e teórico como pilares do letramento digital

O problema crescente das *fake news* não está restrito a dada classe social, geração ou nível de formação acadêmica. Sendo o professor, o profissional responsável pela

⁷ TED “Tenha cuidado com os ‘filtros-bolha’ *online*”. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br. Acesso em: 11 jul. 2019.

⁸ Os algoritmos fazem uma edição invisível do conteúdo, pois não é possível apresentar todas as atualizações da rede de contatos do usuário. Com isso, a customização do conteúdo apresentado é realizada considerando a afinidade entre os contatos, o tipo de conteúdo (com prioridade para os mais apelativos e sentimentais) e a informação mais recente.

⁹ Contas e perfis onde a gestão é controlada por *softwares*. Esses perfis buscam substituir ações humanas nas redes sociais e por serem muitos, podem manipular toda uma discussão política nesses canais de comunicação. Os robôs que realizam a gestão desses perfis conquistam seguidores, fazem ataques a opositores, promovem discussões artificiais e propagam informações falsas, utilizando na maior parte das vezes, *hashtags* (etiquetas com metadados para localizar rapidamente um termo de relevância).

sistematização dos saberes acumulados historicamente, ao imergir nas redes, precisa estar investido do letramento necessário, para então, desenvolver esse saber em seus alunos. Na atualidade há novas demandas de leitura crítica, não apenas de textos da tecnologia da escrita, mas de outras mídias audiovisuais (Andrade; Pischetola, 2016), como animação, imagem, vídeo e o hipertexto, por exemplo.

O letramento digital busca a compreensão crítica da leitura e sua inferência, considerando-se aí, o contexto histórico. Além disso, ele demanda a verificação da procedência e intencionalidade, a crítica e capacidade criativa, objetivos essenciais da educação. Estas ações somente são possíveis com o desenvolvimento do pensamento teórico, conceito fundamental da abordagem histórico-cultural.

Segundo Medeiros e Sforzi (2016) contamos com duas modalidades de pensamento, que se imbricam em alguns momentos, se hierarquizam e se complementam, seriam o pensamento empírico e o teórico. O pensamento empírico se vincula às atividades práticas, ao lúdico, mas sem maior preocupação com a compreensão científica de dado fenômeno ou conceito, ou seja, sem aprofundá-lo teoricamente. Com o pensamento empírico é possível a observação, comparação e mesmo a classificação dos objetos e fenômenos. É o pensamento que nos mobiliza na maior parte do tempo, durante a vida cotidiana. Mas esta modalidade de pensamento imediatista não busca o aprofundamento, desvelamento dos vieses, percurso histórico, intenções e contradições dos sujeitos e fenômenos. Para isso, a ação docente intencional e dirigida (o que não quer dizer centralizada no professor ou autoritária), investe sua intervenção para desenvolver o pensamento teórico.

O pensamento teórico é aquele que garante a abstração, síntese, generalização e análise crítica, ultrapassando o imediato e diretamente observável. É esta a modalidade de pensamento que impulsiona a curiosidade investigativa e epistemológica (Freire, 1999), instigando a criatividade por meio da intervenção e a adoção dos elementos mediadores da cultura, no caso deste relato, os memes. Apesar da sua importância para o avanço do conhecimento produzido por uma sociedade, ele não ocorre de forma espontânea, mas por meio do ensino dedicado e comprometido com a apropriação dos conceitos científicos.

A criatividade que estamos pressupondo para o enfrentamento das *fake news*, - fenômeno que se apoia apenas no pensamento empírico, é a que se apoia na relação dialética e concilia o pensamento empírico e o teórico, sem vincular-se a ações utilitaristas ou aderir a filosofias ou metodologias por puro modismo.

Este letramento digital que ora defendemos, emerge desta relação dialética entre pensamento empírico e o teórico, e precisa ser incorporado ao currículo praticado na formação de professores e nas escolas, de forma urgente.

A formação educacional para e nas redes é, assim, a chave para o desenvolvimento de habilidades que tornam o usuário confiante na tarefa de interrogar sobre a precisão de uma informação e desafiar representações injustas, visões extremistas, violências simbólicas e brincadeiras ofensivas. Sobretudo, merece ser considerado que a educação para e nas mídias deve estar inserida em ambientes de formação educacional no seu sentido mais amplo, aquela que é capaz de desenvolver a sutileza da sensibilidade, a arte do cuidado com a alteridade e a ética da curiosidade em relação às complexidades psíquicas e sociais que nos constituem como humanos. (Santaella, 2018, p. 21).

É nesta direção que pensamos como o letramento digital está diretamente relacionado à efetiva inclusão digital. Em nossa perspectiva, o acesso ao artefato e conexão não é sinônimo de inclusão digital (Melo; Silva, 2018). Nesse caso, este acesso se detém ao aspecto técnico. A inclusão digital, que pressupomos, ultrapassa esta instância preliminar do acesso, para acionar os usos sociais praticados, compreendendo-a como a articulação entre ubiquidade e letramento digital. Ubiquidade seria a possibilidade de estar em todos os lugares, a todo o momento, graças à conectividade propiciada pelos dispositivos móveis.

A inclusão digital para a autonomia do cidadão inclui o letramento digital, que permitirá aos sujeitos, realizar a autoavaliação que fomentará a verificação da procedência, o recorte realizado e sua intencionalidade, diminuindo assim, a participação irrefletida.

Ao desenvolver gradativamente o letramento digital, acreditamos que, em um primeiro momento, haja maior responsabilização com o impacto das informações disseminadas, ocasionando diminuição na propagação de *fake news*. Com maior apropriação do letramento digital aqui anunciado, seriam impulsionadas publicações autorais, validadas, ressignificadas e pertinentes. O letramento a que nos referimos não se limita à verificação e análise crítica da informação recebida para consumo, mas vai além, na perspectiva formativa de atores prosumidores¹⁰ e criativos.

Nesta ação de autoria, criatividade e produção, um gênero que possui grande adesão intergeracional atualmente, é o meme.

4. Produção de memes e formação docente

O gênero meme é uma linguagem midiática que concilia o lúdico e humor, e possui grande adesão e circulação nas redes sociais. Os memes são produções fruto do *remix*, com edição e ressignificações que se vinculam em determinado grau à obra original (Buzato et al, 2013), geralmente com considerável visibilidade e conhecimento compartilhado por

¹⁰ Consumidores e produtores.

diversos grupos sociais. A remixagem opera na imagem original de um personagem, fazendo convergir o lúdico e a autoria que fornece outra noção, outra mensagem, carregada na maior parte das vezes, de crítica, notadamente com humor, ironia ou sarcasmo.

A produção autoral do meme e sua divulgação nas redes sociais possuem a fundamentação e análise crítica implicadas com o letramento digital, refletindo a conciliação entre o pensamento teórico (a crítica, o ativismo, a implicação com a superação de um problema do nosso tempo) e o pensamento empírico, este último, ancorado na virada afetiva, nas emoções convergentes em torno da alegria, diversão, deboche, empatia, e pela busca por audiência ao circular a mensagem, ainda que a autoria não possa ser identificada (Marcos, 2013).

A veiculação dos memes pode ser uma importante ação para o engajamento e ativismo político (Santos; Chagas, 2017), onde a sua visibilidade e propagação se constituirão, de acordo com a adesão dos demais atores, ao conteúdo político-educativo ali enunciado. A intenção com a potencialidade desta ação de produção de memes para promover uma ação ativista, como é o caso aqui relatado, se ancora no fato de o meme ser um meio, uma mídia, que possui grande potencial de repercussão, mesmo que se assemelhe a uma ação despretensiosa.

A repercussão procura avaliar, entre outros fatores, quais os memes que obtiveram maior ou menor êxito em sua condição de circulação e reapropriação entre os internautas. Entram nessa conta, naturalmente, a influência e o capital social dos atores que passam adiante a mensagem. Afinal, quanto mais influente for um dado ator, maior capilaridade terá o processo de difusão do meme, e quanto mais difundido ele for, maior será o grau de familiaridade das pessoas com a mensagem que ele ajuda a propagar. (Toth; Mendes, 2016, p. 216).

A crítica conciliada com o humor, e em nosso caso, com a ação ativista para diminuição da propagação das *fake news*, viabilizam a ação criativa do licenciando, para alcançar a maior repercussão possível. A seriedade (Freire, 2017) deste ativismo é uma busca pela apropriação da linguagem midiática atual, com o propósito bem delimitado de buscar um impacto que se aproxime da propagação das *fake news*.

A produção e veiculação de memes para ação ativista corre o risco de ser entendida como produções veiculadas no humor situacional, que segundo Santos e Chagas (2017), seria a “piada pela piada”, se não houvesse um trabalho anterior de crítica e análise, com proposição planejada e objetivo situado. Apesar disso, compreendemos que esta associação pode viabilizar a propagação, e alcançar o seu objetivo, mesmo que ocorra de forma inconsciente. A autoria dos licenciandos se apoia nesse pressuposto e nas seguintes linhas de engajamento docente, na apropriação de memes pela educação:

1) propiciar oportunidades de múltiplas experimentações e expressões; 2) disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permita múltiplas ocorrências; 3) provocar situações de inquietação criadora; 4) arquitetar colaborativamente percursos hipertextuais; e 5) mobilizar a experiência do conhecimento. (Silva, 2019, p. 235-236).

Na seção a seguir, apresentamos o relato da experiência de produção de memes com fins ativistas, pelos alunos do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)¹¹.

4.1. A produção de memes pelos licenciandos – criatividade e ativismo político-educacional

A proposta de criação de memes surgiu, inicialmente, como parte do planejamento da disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), componente curricular obrigatório no curso de Pedagogia do ISERJ. Tendo em vista o problema cada vez mais recorrente das *fake news*, utilizamos o “Plano de Aula: Dia Internacional do *Fact-Checking Day*”¹², onde constava uma proposta para “encontrar um modo eficiente e criativo de divulgar conhecimento sobre a importância da verificação de fatos” utilizando “linguagem e formatos que pertencem à vida e à experiência cotidianas” (*Fact-Checking Day*, 2017, p. 13). A intenção desta ação educacional dirigida à formação docente se aproxima do anunciado por Midleij, Bonilla e Pretto (2015, p. 87):

O contexto da cibercultura instaura a necessidade de reflexão e mudança na formação do professor-autor, visto que, para formar alunos-autores, é imprescindível o professor lançar mão de táticas/práticas para o desenvolvimento da autoria, apropriar-se das tecnologias com todas as suas potencialidades, incluindo as móveis, já disponíveis e nas mãos de grande parte dos alunos. A autoria se evidencia nos atos de currículo materializados nas práticas vivenciadas/experienciadas pelos professores e alunos no cotidiano da escola.

Esta referida aula ocorreu como desdobramento de importantes temas como: a importância da validação da informação (Gabriel, 2013), letramento digital ou Letramento Midiático e Informacional (Andrade; Pischetola, 2016) e filtro-bolha (Pariser, 2012). Após a sistematização destes temas, propomos que os alunos, individualmente ou em dupla,

¹¹ O Instituto Superior de Educação (ISERJ) foi inicialmente, a Escola Normal da Corte. Em 1808 foi inaugurado e somente em 1930, a Escola de Formação de Professores, inspirada no ideário escolanovista e no otimismo educacional da época, se constituía como espaço de referência para a formação de professores inovadores. O prédio, com notável arquitetura, se localiza na Rua Mariz e Barros, entre a Tijuca e Praça da Bandeira. O site do ISERJ pode ser acessado no endereço: <http://www.iserj.net/ensinosuperior/index.php/pt/>.

¹² Disponível em: <http://apublica.org/2017/03/truco-plano-de-aula-gratuito-ensina-estudantes-a-che-car-informacoes/> Acesso em 23 mai. 2017.

criassem um meme¹³ para compartilhar nas suas redes sociais indicando alguns conselhos sobre como diferenciar notícias falsas ou distorcidas, de outros tipos de conteúdo.

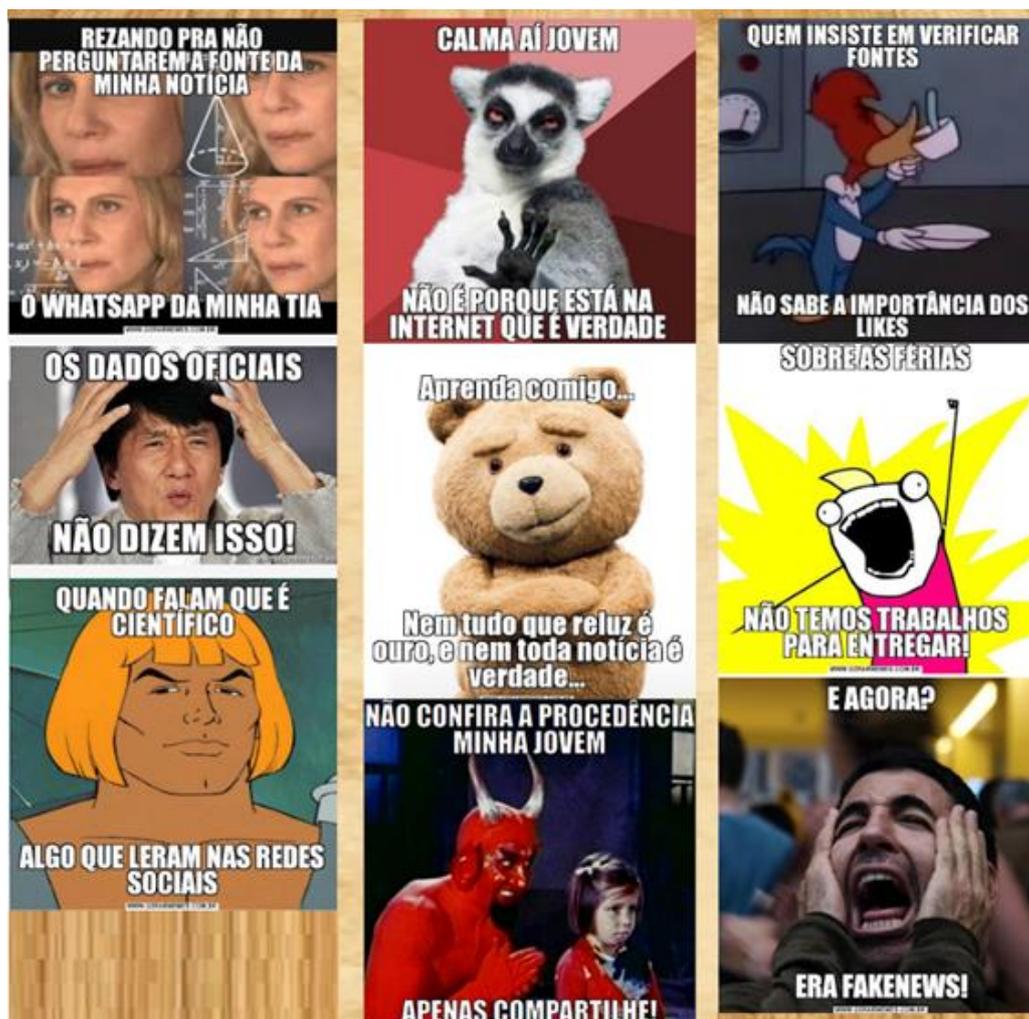
Antes de compartilhar em suas redes sociais, porém, deveriam publicar a sua produção em uma interface, o *Padlet*¹⁴, que se assemelha a um mural virtual, possibilitando aos participantes, comentar e indicar uma avaliação, por meio da indicação do número de estrelas para cada postagem, como uma simulação das mais conhecidas redes sociais digitais da atualidade. O uso do *Padlet* como recurso pedagógico justifica-se pela possibilidade dos alunos trabalharem coletivamente partilhando informações, através de textos, imagens e outros conteúdos.

Inicialmente, alguns alunos do curso, como não possuíam maior destreza nos ambientes digitais, demonstraram certa preocupação com a proposição. Apesar disso e considerando o quantitativo da turma composta por vinte alunos, foi possível observar que todos conseguiram concluir a atividade e um número significativo de alunos, aproximadamente a metade da turma produziu mais memes que o solicitado, o que demonstra grande adesão à proposta, transcendendo o caráter avaliativo que porventura houvesse na proposição.

¹³ Foram indicados os seguintes sites para produção de memes: <https://memegenerator.net/> e <https://www.gerarmemes.com.br/>.

¹⁴ O endereço do referido Padlet é https://padlet.com/keitemelo/tic_noite_2018_2. Neste endereço é possível ver todos os memes produzidos pela turma do turno noturno, do semestre letivo de 2018-2.

Figura 1 – Alguns memes produzidos pelos licenciandos do ISERJ, na disciplina TIC:



Fonte: Elaboração própria a partir das produções dos licenciandos.

5. Considerações finais

Percebemos com essa experiência, que a prática autoral de memes não estava concebida entre os licenciandos do curso de Pedagogia do ISERJ. Na avaliação da atividade realizada pelos estudantes, a conclusão foi que a cultura do compartilhamento por vezes traduz-se no consumo acrítico de produções alheias. Embora haja um número cada vez mais crescente de internautas, não há garantia da inclusão digital (associada ao letramento digital) destes sujeitos.

Não é possível aos professores resignarem-se com o irreal determinismo de alguns fenômenos da cultura digital. É urgente se posicionar, enfrentando-os, inclusive para que o fenômeno da pós-verdade não se sobreponha ao conhecimento historicamente acumulado, do qual somos intérpretes, guardiões e mediadores para a atual geração. Esperamos com

este trabalho, instigar ações docentes de enfrentamento às *fake news*, por meio da relação dialética entre o humor e a seriedade contida no planejamento que promove a reflexão. As práticas docentes dialéticas se aproximam do percurso de um cientista ao lidar com a pesquisa: investiga, analisa, compara, refina informações, verifica a veracidade da mensagem, do emissor e o contexto sócio histórico. Acreditamos que, a implementação de tais ações docentes desde os anos iniciais, pode fazer com que o pensamento teórico se sobreponha diante de tantas informações, fragilizando assim, a veiculação de notícias falsas.

Com isso, concluímos que a formação de professores deve amparar-se pela crítica e pela imersão junto aos artefatos mediadores que produzem e por onde é produzida a cultura. A problematização passa pela experimentação imersiva, com intenção educativa, ressignificada e ancorada na criatividade e autoria, inclusive por meio do *remix*.

6. Referências

ANDRADE, M.; PISCHETOLA, M. O discurso de ódio nas mídias sociais: a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem. **Revista e-Curriculum**. São Paulo, v. 14, n.04, p.1377–1394, out./dez.2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br//index.php/curriculum/article/view/30015>. Acesso em: 18 mai. 2019.

BRANCO, S. *Fake News* e os caminhos para fora da bolha. **Revista Interesse Nacional**. Ano 10, número 38, 2017. Disponível em: <https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/08/sergio-fakenews.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2019.

BUZATO, M. E. K. **O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira: contribuições para a formação de professores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

_____ et al. Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, n. 4, 2013.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. *Fake News* nas redes sociais *online*: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media&Jornalismo**, v. 18, n. 32, 2018. Disponível em: <http://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/5682/4561>. Acesso em: 30 mai. 2019.

Dia Internacional do Fact-Checking Day. **Plano de Aula**. 02 de abril de 2017. Disponível em: <http://apublica.org/2017/03/truco-plano-de-aula-gratuito-ensina-estudantes-a-chechar-informacoes/>. Acesso em: 23 mai. 2019.

FREIRE, F. A. Eleições municipais no Rio e os memes como ferramenta de desqualificação em campanhas eleitorais. **VII COMPOLÍTICA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GABRIEL, M. **Educ@r: a revolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

KEYES, R. **Era da pós-verdade**: desonestidade e enganação na vida contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARCOS, V. B. F. **Autoria online**. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2013.

MARTINUZZO, J. A.; SANGALLI, H. L. J. A intimidade em tempos de rede social digital: o Facebook e a mídiatização do íntimo. **Educação, Cultura e Comunicação**. v.6, n.12, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/view/1316>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MEDEIROS, D. H.; SFORNI, M. S. F. **(Im)possibilidades da organização do ensino**: desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes. Curitiba: Appris, 2016.

MELO, K. S.; SILVA, A. V. M. Desafios e possibilidades da cibercultura para a educação. **Seda - Revista de Letras da Rural - RJ**, [S.l.], v. 3, n. 8, abr. 2018. Disponível em: <http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=SEDA&page=article&op=view&path%5B%5D=4013>. Acesso em: 15 ago. 2019.

MIDDLEJ, M.; BONILLA, M. H.; PRETTO, N. O professor e a formação para a autoria na cibercultura: a criação dos atos de currículo. In: PORTO, Cristiane et al (orgs.). **Pesquisa e mobilidade na cibercultura**: itinerâncias docentes, Salvador: EDUFBA, 2015.

PARISER, E. **O filtro invisível**. O que a Internet está escondendo de você. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2012.

RUEDIGER, M. A. (coord.). **Robôs, redes sociais e política no Brasil**: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na *web*, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdade ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, J. G. B.; CHAGAS, V. A revolução será memetizada: engajamento e ação coletiva nos memes dos debates eleitorais em 2014. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 20, n. 1, 2017.

SILVA, A. V. M.; MELO, K. S. #OCUPAISERJ: estratégias comunicacionais do movimento de ocupação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. **ETD- Educação Temática Digital**. Campinas, v. 19, n. 1, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v19i1.8647817>. Acesso em: 6 jul. 2019.

SILVA, M. Meme, educação e interatividade: entrevista com Marco Silva. **Periferia**, v. 11, n. 1, p. 231-239, jan./abr. 2019. Entrevista concedida a Mariano Pimentel. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/38187>. Acesso em: 26 mar. 2019.

SILVA, A. V. M. Apropriação tecnológica e cultura digital: usos na/da internet. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 3, p. 276-292, maio, 2019.

SILVA, W. S. Imagem e subjetividade Narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade. **Ciberlegenda**. n. 31, 2014.

TOTH, J.; MENDES, V. C. Monitorando memes em mídias sociais. In: SILVA, T.; STABILE, M. (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016.